

# Negros americanos exigem indenização

AFP e El País

**A**s divisões raciais persistem nos Estados Unidos, mas a gigantesca comunidade negra de hoje — cerca de 35 milhões numa população de 282 milhões — é mais orgulhosa, bem-sucedida, e exigente. Ron Walters, sociólogo da Universidade de Maryland, defenderá na Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, África do Sul, a proposta de que os descendentes de negros escravos nos países recebam indenizações.

Os simpatizantes da medida querem que essas indenizações sejam primeiros simbólicos, antes de discutir a quantia exata que o Estado teria de desembolsar. O processo seria semelhante ao ocorrido em 1987, quando o Congresso destinou US\$ 1,2 bilhão aos japoneses que moravam nos Estados Unidos como indenização por prisões abusivas durante a Segunda Guerra Mundial.

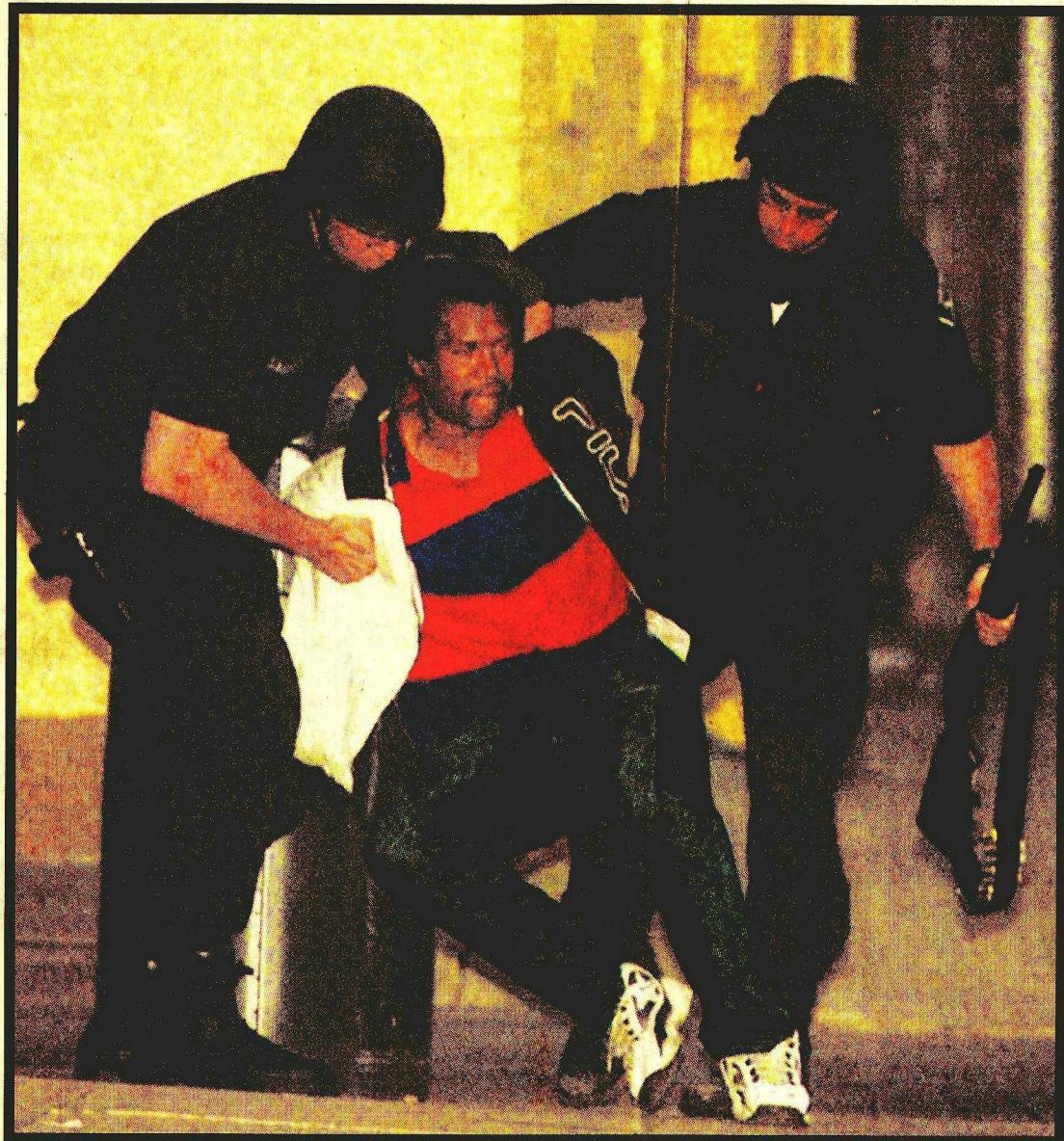
Segundo Walters, os negros e outras minorias americanas, como os hispânicos, sofrem taxas desproporcionais de encarceramento — são quase 60% dos 6,5 milhões de presos. Um estudo divulgado pela Anistia Internacional no final de julho assegura que os homens negros têm uma probabilidade oito vezes maior de serem condenados nos Estados Unidos que os brancos.

Outra pesquisa da Anistia sobre 2 mil homicídios no estado da Geórgia concluiu que a condenação à pena de morte foi pronunciada com uma frequência 11 vezes maior quando um negro matou um branco que quando um branco matou um negro. A organização pediu ao presidente americano, George W. Bush, que participe da próxima conferência da ONU entre 31 de agosto e 7 de setembro, mas ele ameaça não ir a Durban se os países que utilizaram trabalho escravo forem obrigados a pagar indenizações.

## POBREZA HERDADA

**W**alters não está sozinho em sua luta. Uma campanha de petições acontece em 50 estados americanos para apoiar projetos de lei sobre indenização que estão no Congresso, segundo o diário *Afro American*, de Washington. Os incentivadores da medida asseguram que a indenização permitirá compensar os séculos de trabalho não pago dos escravos, que teriam possibilitado a criação da riqueza desfrutada pelos brancos. Essa

Neal C. Lauron/Reuters 13.04.01



NEGRO DETIDO EM PROTESTO PELO ASSASSINATO DE THOMAS: POLÍCIA DE CINCINNATI É ACUSADA DE DISCRIMINAÇÃO

postura é reforçada porque as promessas de compensação feitas em 1865, depois da abolição da escravatura, foram esquecidas.

“O racismo é um fato nos Estados Unidos, todo mundo sabe disso”, afirma Walters, acrescentando que a pobreza herdada da escravidão é uma das causas da discriminação que ainda existe. Um exemplo foi o assassinato, em

abril, do negro Timothy Thomas por um policial branco que disparou ao suspeitar que o jovem de 19 anos tinha uma arma dentro do carro. O crime, ocorrido em Cincinnati, provocou numa revolta que durou mais de uma semana e causou sérios prejuízos à cidade. Thomas foi a 15ª vítima de um policial em Cincinnati desde 1995. Coincidência ou não, todos os mortos eram negros.

O escritor negro Shelby Steele acredita que a indenização defendida por Walters aumentaria a “cultura de vitimização” dos afro-americanos. Segundo ele, essa cultura impede a solução dos verdadeiros problemas que a comunidade enfrenta: “Hoje, 70% de todos as crianças negras nascem fora do casamento e 68% dos crimes violentos são cometidos por negros”, freqüentemente por causas relacionadas às drogas.

## ACesso à UNIVERSIDADE

*Embora a delegação brasileira esteja pronta para defender na conferência de Durban a criação de cotas para o ingresso de alunos negros nas universidades federais, o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, disse que medida será um fracasso se não for acompanhada de outras ações. “Não me oponho às cotas, mas só as cotas não irão resolver o problema”, afirmou. Para o ministro, a solução ideal contra a desigualdade de acesso às universidades seria a instituição de metas para que toda a população tenha acesso aos mais altos níveis de educação. (AE)*

## Papa critica o racismo

O papa João Paulo II condenou ontem a discriminação racial “que degrada a humanidade e é um pecado ofensivo a Deus”. A mensagem foi dada durante a oração dominical do Angelus, no palácio de verão de Castelgandolfo, na Itália, a cinco dias da abertura da Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, na África do Sul.

O papa lamentou também o aumento do nacionalismo, da violência étnica e da discriminação nas últimas décadas. “Para acabar com o racismo é preciso alimentar a cultura da hospitalidade, reconhecendo em cada homem um irmão e uma irmã para percorrer o caminho da paz e da solidariedade”, acrescentou o pontífice, aplaudido por centenas de pessoas na praça em frente ao palácio. (AFP)